

Meme da *internet*: uma leitura a partir do conhecimento organizado de mundo¹

Meme de internet: una lectura desde el conocimiento organizado de mundo

Maria Alice de Souza²
Marcelo Diniz Monteiro de Barros³
Lana Mara de Castro Siman⁴

Resumo: A compreensão de um meme da *internet* está relacionada àquilo que o indivíduo consegue reunir de significados. Desse modo, estudá-lo permite entender a configuração das práticas sociais de leitura relacionadas a sua circulação. Nesta pesquisa, adotam-se dois procedimentos metodológicos: primeiro, um levantamento bibliográfico, trazendo uma visão concisa do gênero, sua estrutura, inserção sociocultural e práticas de letramento a ele atreladas e; segundo, um estudo de caso, por realizar a análise de uma peça postada em um grupo privado de Facebook composto por alunos, ex-alunos, professores e funcionários de uma escola da rede pública estadual do município de Belo Horizonte. Para apresentar a história de constituição do meme, este estudo recorre a Dawkins (1978), Recuero (2006), Barreto (2015), Escalante (2016), Chagas (2016). Já no intuito de situá-lo enquanto evento de letramento, este artigo apresenta as considerações de Coscarelli (2006), Anderson (2013), Euzébio e Cerutti-Rizzatti (2013), Leu *et al* (2013) e Rowsell *et al* (2013). Enfim, percebe-se que longe de ser apenas a combinação de imagem e frases humoradas, o meme da *internet* porta teor crítico e político, demandando dos sujeitos uma visão além dos códigos.

Palavras-chave: Meme da *internet*; Teoria do esquema; Letramento; Leitura; Gênero textuais.

Resumen: La comprensión de un meme de *internet* está relacionada con lo que el individuo puede reunir significados. Así, estudiarlo permite comprender la configuración de las prácticas de lectura social relacionadas con su circulación. En esta investigación, se adoptan dos procedimientos metodológicos: primero, una encuesta bibliográfica, que brinda una visión concisa del género, su estructura, inserción sociocultural y prácticas de alfabetización vinculadas a él; segundo, un estudio de caso, que se llevará a cabo el análisis de una pieza publicada en un grupo privado de Facebook compuesto por estudiantes, ex alumnos, maestros y empleados de una escuela pública estatal en la ciudad de Belo Horizonte. Para presentar la historia de la constitución del meme, este estudio utiliza Dawkins (1978), Recuero (2006), Barreto (2015), Escalante (2016), Chagas (2016). Para ubicarlo como un evento de alfabetización, este artículo presenta las consideraciones de Coscarelli (2006), Anderson (2013), Euzébio y Cerutti-Rizzatti (2013), Leu *et al* (2013) y Rowsell *et al* (2013). De todos modos, está claro que lejos de ser solo una combinación de imágenes y frases humorísticas, el meme de *Internet* tiene un contenido crítico y político, exigiendo a los sujetos una visión más allá de los códigos.

Palabras clave: Meme de *internet*; Teoría del esquema; Letramento; Lectura; Géneros textuales.

¹ Este artigo é um recorte da dissertação apresentada à Universidade do Estado de Minas Gerais, intitulada "Os usos sociais do meme da internet na fanpage de uma escola pública da rede estadual do município de Belo Horizonte".

² Mestra em Educação e Formação Humana pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. mariaalicepos@gmail.com

³ Doutor em Ensino em Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Professor Adjunto IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais marcelodiniz@pucminas.br

⁴ Doutora em Didática História pelo Université Laval, Canadá. Professora Adjunto da Universidade do Estado de Minas Gerais. lanacastrosiman@gmail.com

Introdução

Em seu cotidiano, os sujeitos lidam com diversos gêneros textuais e suas intenções comunicativas. No entanto, o entendimento de um texto apenas será possível se o conhecimento organizado de mundo do indivíduo fornecer a ele base para que compreenda as produções. Esse processo que destaca a reciprocidade entre cultura e memória é conhecido como “esquema”. Por esse procedimento, a compreensão de um texto está relacionada àquilo que o indivíduo consegue reunir de significados. Em outras palavras, a organização mental construída por cada indivíduo afeta de modo significativo seu processo de leitura (ANDERSON, 2013).

Desse modo, pela teoria do esquema, os padrões de sentido não são exclusivos de quem os experimenta, já que os modos culturais são compartilhados por uma determinada comunidade (MCVEE, DUNSMORE E GAVELEK, 2013). Conforme Brewer e Nakamura (1984), o conhecimento organizado de mundo explica o modo pelo qual, por meio de esquemas de percepção, linguagem, pensamento e memória, uma noção antiga interage com uma nova. De acordo com a teoria do esquema, leitura corresponde a um procedimento interativo que envolve a análise simultânea de diversos níveis. Aliás, para a interpretação geral de um texto verbal, os sujeitos consideram não apenas os aspectos gráficos e fonológicos das palavras, mas também seus aspectos morfológicos, semânticos, sintáticos, pragmáticos e interpretativos (ANDERSON, 2013).

A teoria do esquema ainda considera que um texto pode, muitas vezes, ter mais de uma interpretação, uma vez que seu entendimento depende da idade, gênero, etnia, religião, nacionalidade e ocupação do leitor. Nesse sentido, a leitura não é um processo em que há uma ordem rigorosa entre a informação visual e a interpretação geral do texto. Dito de outra forma, quando um indivíduo lê, ele constrói sentido tanto pela análise das informações de diferentes níveis quanto pelas hipóteses de sua mente (ANDERSON, 2013).

Neste artigo realizamos a apreciação de um meme da *internet* a partir das concepções que envolvem a teoria do esquema, uma vez que o gênero abrange diversas áreas da vida contemporânea (EUZÉBIO E CERUTTI-RIZZATTI, 2013), reunindo os sujeitos em torno de instâncias comuns (BARRETO, 2015; ESCALANTE, 2016).

Quanto ao procedimento metodológico, este trabalho apresenta, primeiramente, uma revisão de literatura com um recorte qualitativo realizado a partir de um levantamento bibliográfico e seleção dentre os materiais já publicados sobre o tema. E em seguida, considerando os princípios da teoria do esquema, um estudo de caso, correspondente ao exame de uma peça postada no grupo privado de Facebook denominado Estadual Central, composto por alunos, ex-alunos, professores e funcionários da Escola Estadual Governador Milton Campos em Belo Horizonte. Ressalta-se que parte dessa análise compõe a pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG), defendida em 2019, que teve como objetivo geral investigar as práticas comunicativas realizadas com o uso de meme da *internet* entre os membros do grupo privado supracitado.

Este artigo se estrutura em cinco partes. Nesta introdução, determina-se o assunto, expondo-se os objetivos e a metodologia empregada. Na segunda parte, são apontadas considerações acerca da teoria do esquema e dos letramentos digitais. Na terceira, revisitam-se o conceito de meme e sua taxonomia. A quarta parte aborda posicionamentos acerca das práticas sociais e eventos de letramento, apresentando a análise de um meme da *internet*. Por fim, nas considerações finais, as principais ideias expostas ao longo do artigo são retomadas de maneira sintética.

A teoria do esquema

As concepções acerca do conhecimento organizado de mundo datam da década de 1970, estando relacionadas aos estudos da ciência cognitiva (MCVEE, DUNSMORE E GAVELEK, 2013). Pela teoria do esquema, o aprendizado envolve sempre experiências, não acontecendo pela simples memorização de palavras. Na concepção tradicional de leitura, os significados das palavras formam os significados das sentenças, as quais desencadeiam os significados dos parágrafos. Ao contrário disto, na percepção aqui assumida, ler não se restringe ao estabelecimento de correspondência entre as letras e os sons, mas inclui a estrutura, o significado das unidades linguísticas, a composição dos signos, a interpretação do sentido das sentenças e o contexto de utilização (ANDERSON, 2013).

Os esquemas, ao incorporarem o conhecimento de mundo, desempenham um papel importante na compreensão da linguagem. De acordo com Anderson e Pichert (1978), um esquema permite ao leitor: a) assimilar uma informação, direcionando sua atenção; b) determinar os aspectos importantes de um texto, permitindo perceber onde prestar mais atenção; c) fazer inferências que vão além da informação declarada em um texto; d) recuperar informações da memória; e) elaborar resumos, já que é capaz de incluir proposições, omitindo dados triviais; f) gerar hipóteses sobre uma informação ausente em um texto.

Considerando que a leitura é uma prática social contextualizada, as ações para sua concretização precisam respeitar as reflexões dos indivíduos sobre os assuntos do cotidiano a partir do levantamento de hipóteses, da elaboração de significações, do estabelecimento de conexões, entre outros princípios que caracterizam e constituem a teoria do esquema. Desse modo, as práticas de leitura precisam buscar por manifestações socialmente reconhecidas com a finalidade de ativar um esquema dado, ou seja, um novo conteúdo é interpretado a partir dos conhecimentos anteriores (ANDERSON, 2013).

Assim, de acordo com Mcvee, Dunsmore e Gavelek (2013), ao reconhecer a natureza política da realidade, a leitura crítica de um determinado gênero fornece contextos significativos aos leitores, envolvendo-os em ações que os levam a compreender que toda atividade cultural está imbuída de poder. Desse modo, destacando a reciprocidade entre cultura e memória, as ações envolvendo a leitura necessitam oportunizar a interação entre os processos letrados e a vida sociocultural dos sujeitos, visto que ler é uma atividade relacionada ao cotidiano: lê-se para estudar, trabalhar, entreter ou atualizar-se.

Letramentos digitais

Ao contrário dos gêneros tradicionais, os gêneros digitais integram uma série de símbolos e formatos de mídia múltipla, incluindo ícones, símbolos animados, áudio, vídeo, tabelas interativas e ambientes de realidade virtual. Nesse contexto, o estabelecimento de uma leitura crítica é primordial para novas aquisições no cenário

digital, que são múltiplas, multimodais, multifacetadas e dêiticas⁵ (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013). Enquanto tecnologia, a *internet* determina um aprendizado dentro de uma comunidade global, exigindo novas capacidades para que os sujeitos possam acessar totalmente seu potencial (MARCUSCHI, 2005).

Sob esse ponto de vista, Ribeiro (2013) afirma que na atualidade muitas composições já nascem verbo-visuais, ou seja, são constituídas por palavras e imagens desde sua origem. Nessa perspectiva, as produções são concebidas a partir de um projeto textual e gráfico, que demanda de seus leitores uma ação, que é uma performance sustentada pelas noções de como os textos são delineados. Belmiro (2000) acrescenta que as imagens exigem dos indivíduos um aprendizado sistematizado de seus modos de leitura ao ordenarem o modo como eles percebem o mundo que os cerca. Isto é, para a compreensão de uma imagem, há de se considerar elementos como enquadramento, corte, distância, ângulo, seleção ou não de cor, textura.

Nesse contexto, as práticas de comunicação que surgiram com as tecnologias digitais diferem muito das que existiam há 40 anos. Na atualidade, os sujeitos clicam, seguem e leem *hiperlinks*; comunicam-se pelas redes sociais e produzem textos utilizando telas de navegação, rolagem e digitalização em vários sites. Deste modo, um usuário proficiente da *internet* sabe como construir significado de novas maneiras, manipulando e fazendo *upload* de suas próprias informações ou adicionando dados ao constante crescimento que define a *internet* (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013). É importante ressaltar que as informações em ambientes digitais não aparecem apenas por elementos linguísticos como palavras ou frases, sendo compostas também por animações, vídeos, sons, cores, ícones. Logo, os indivíduos ao buscarem *hiperlinks* encontram diferentes formas de informação em todo tipo de gênero (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013).

⁵ O termo *dêixis* é usado entre linguísticas para definir palavras cujos significados mudam conforme os contextos. De acordo com Leu *et al* (2013), na contemporaneidade, o termo alfabetização tornou-se dêitico, já que se vive numa época de rápida mudança das tecnologias da informação e comunicação, que exigem dos sujeitos novos letramentos. Em outras palavras, não há garantias de que indivíduos alfabetizados pelas mídias impressas estejam totalmente letrados em mídias como *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Google*, *Chrome*, *Skype*, entre outros.

Além do mais, tornou-se cada vez mais imperativo utilizar as tecnologias digitais para interagir e colaborar com os outros. Nesse cenário, além dos indivíduos demonstrarem a capacidade de reunir, compreender, analisar, avaliar, sintetizar, relatar informações e ideias, precisam criar textos (impressos ou não) em mídias antigas e novas, a fim de resolver problemas. Se, de um lado, os contextos sociais moldam a função e a forma das práticas letradas; por outro, são moldados por elas. Embora as tecnologias não criem gêneros, seus usos interferem nas atividades comunicativas cotidianas (LEU *et al.*, 2013; ROWSELL *et al.*, 2013).

O meme da *internet*

Conhecido pela combinação de imagens e legendas bem-humoradas, o meme da *internet* se alastrou rapidamente pela *web*, sendo sua repercussão percebida pela recorrência de transmissões, comentários ou imitações por *blogs*, *sites*, redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e *chats* (CHAGAS, 2016). Além disso, o meme da *internet* tem se configurado enquanto objeto de expressão da cultura digital; já que, tendo como suporte a *web*, textos, imagens e vídeos são transformados em unidades de imitação associadas a situações da vida cotidiana (BARRETO, 2015).

Apesar de o termo meme parecer contemporâneo, ele surgiu muito antes da popularização da *internet*. O primeiro a usar a expressão foi Richard Dawkins em *O gene egoísta*. Na obra, o etólogo teorizou a evolução das espécies pelo ponto de vista do gene, fazendo uma analogia entre evoluções culturais e genéticas para fundamentar sua conjectura. Dawkins (1978), ao definir o meme como um replicador de comportamentos, mostrou que melodias, *slogans*, moda de vestuário, ideias ou parte delas, ou seja, tudo que se propagava de um cérebro para outro, por meio da imitação, era considerado meme. Para completar, afirmou que a vida de um meme era determinada pelo tempo que conseguia se multiplicar, por sua aceitação e pela capacidade de mutação contínua.

Em decorrência dessas formulações, Dennett (1998) entendeu o meme como pacotes de informação com atitude, que dependia de um ambiente sociocultural para ter sua capacidade de replicação ampliada. Assim, como o DNA é transmitido pelo gene, o meme é transmitido por diferentes mídias. E, num jogo metalinguístico infinito, mídias são criadas pelos sujeitos para replicar memes (BLACKMORE, 2002). Apesar

dessa história, o meme da *internet* tal como se conhece atualmente, enquanto um difusor de ideias, surgiu apenas no final da década de 90. Na época, caracterizado principalmente por vídeos excessivamente compartilhados nas redes sociais, o fenômeno agora reconhecido como meme da *internet* está associado às redes sociais, vinculando padrões de composição e propósitos multimodais (SOUZA JÚNIOR, 2014).

Apresentando outras ponderações, Jenkins *et al* (2010) afirma que, na cultura participativa, a transmissão de um meme indica que “alguém”, diante de um conhecimento, normalmente com humor, reflete suas práticas e relações sociais, tecnológicas, textuais ou econômicas. Ao contrário de seus precursores, o autor não associa o meme a um vírus, justificando que as ideias sobrevivem apenas porque conseguem ser transformadas, reaproveitadas ou distorcidas ao passarem por uma variedade de indivíduos.

Ao conceituar o meme da *internet*, Fontanella (2009, p.8) entende que o gênero, originado de determinados “aspectos sociais, culturais, temporais, espaciais”, refere-se a “ideias, jogos, brincadeiras, piadas ou comportamentos” que se alastram por sua replicação de maneira massiva.

Isso exposto, não se pode falar em meme, sem mencionar que a *internet* se tornou o local mais fecundo para esse artefato da cultura popular que, ao incorporar elementos como o *remix* e o humor, ridiculariza ideologias e influencia redes de contato. Se de um lado, o *remix*, associado à cultura popular, indica uma versão alternativa da obra original, alterada ou recombinação para outro contexto; de outro, o humor, atributo reiterado, permite de forma inesperada que seja descoberto outro sentido do texto (CHAGAS, 2016).

A princípio as tecnologias digitais possibilitaram que os sujeitos se apropriassem mais facilmente dos produtos de entretenimento. Nesse sentido, o meme da *internet* exige dos indivíduos conhecimentos de diferentes campos, ou seja, para compreender seu conteúdo, é necessário ser capaz de combinar criticamente diferentes recursos visuais em diversos gêneros do discurso (ESCALANTE, 2016).

De fato, a produção de um meme da *internet* abarca questões sociais, exigindo dos sujeitos saberes necessários para compreendê-lo. Em vista disso, mais que um ato criativo que acumula preferências individuais, a criação desse artefato reitera a

importância dos usuários na cultura participativa e como usam seu tempo livre de modo colaborativo (SHIRKY, 2011).

Ao abordar sobre as características dos gêneros textuais, Coscarelli (2006) evidencia que a estrutura de um texto desempenha uma função relevante na apreensão de seu significado. Assim sendo, nenhum texto é linear, fazendo sempre referência a outro, ou seja, a intertextualidade institui-se como um traço inerente aos textos em suas dimensões lexicais, morfossintáticas e semânticas. Sob essa perspectiva, a intertextualidade é uma propriedade intrínseca do meme da *internet*, já que ele é visto como: a) item digital com características semelhantes de conteúdo, forma e postura; b) peça criada pelos usuários com conhecimento em outras peças; e c) objeto imitado, transformado e distribuído pela *internet* (SHIFMAN, 2014).

Ademais, o meme da *internet* possui uma natureza hipertextual, pois a construção de seu sentido exige a articulação de conhecimentos prévios advindos de diferentes fontes. De acordo com Escalante (2016), o meme está impregnado de intertextualidade, demandando vários saberes de quem o interpreta. A autora ainda acrescenta que a partir de uma unidade de imitação se pode compreender não apenas tendências culturais, mas a essência da cultura participativa, que compartilha, imita e *remixa*.

Nesse ponto de vista, as personagens já conhecidas por aqueles que compartilham meme da *internet* representam circunstâncias particulares, estando, muitas vezes, vinculados a comunidades virtuais específicas. Conforme Barreto (2015), uma unidade de imitação não desconsidera a competência cognitiva dos sujeitos, sendo sua evolução garantida pela seleção que os indivíduos fazem, ou seja, é a preferência por determinada peça que garante sua vida útil.

Salienta-se ainda que a disseminação de uma peça depende do quanto o contexto cultural é diversificado, da utilização das redes sociais, do modelo que permita a possibilidade de explorar nichos, da cultura participativa incentivando a reapropriação e do acesso à tecnologia para a produção e consumo (JENKINS, 2009; BARRETO, 2015). Por certo, na teoria do meme não cabe previsibilidade, ou seja, ele pode ser transmitido durante muito tempo ou desaparecer rapidamente. Sua evolução dependerá da capacidade de mutação potencializada pelo *remix* da cultura *pop*, que cria um tipo de diálogo entre o momento histórico, a finalidade da produção, a ideologia subjacente e os significados por trás do fenômeno (CHAGAS, 2016).

Uma vez que as unidades de imitação disseminadas dentro de uma comunidade virtual possuam aspecto agregador, os comentários tecidos a partir deles proporcionam o estreitamento dos vínculos sociais, diminuindo as distâncias sociais e instituindo outros grupos. Esse capital social reunido por essas comunidades é estimulado pelas diversas postagens, que convergem o estado afetivo de um indivíduo aos estados afetivos daqueles com quem dialoga. Nesse aspecto, o meme da *internet* está ainda imbuído de valor simbólico, pois representa a encenação que transmite determinadas ideologias culturais (RECUERO, 2006; BARRETO, 2015).

O meme da *internet* ainda pode ser classificado de acordo com seu conteúdo ou intenção comunicativa. De acordo com Shifman (2014), um meme pode ser: a) persuasivo, peça publicitária que incorpora o discurso do convencimento; b) de ação popular, frase de efeito, que indica um comportamento coletivo repetido ou pose de foto, que se replica em situações e cenários diferentes; c) ou de discussão pública, peça de informação que incorpora referências intertextuais e humor crítico.

Além disso, ainda há que se observar a linguagem do meme, uma vez que a comunicação, na *internet*, apenas foi possível com a invenção de gramáticas específicas que fundiram elementos gráficos, fonéticos e estéticos. Nessa direção, é preciso levar em conta, entre outros elementos, o “*internetês*”, linguagem cibernética, que demarca a maneira de expressar própria dos usuários, combinando elementos da oralidade, símbolos, ícones e abreviações, tanto para agilizar a comunicação teclada, como para expressar sentimentos ou acrescentar humor. De acordo com Sales (2010, p. 90), o “*internetês*” configura-se como uma maneira de demarcar a subjetividade na cibercultura, oportunizando aos usuários a criação de “seus próprios produtos culturais”.

Desse modo, apesar de possuir uma linguagem simples à primeira vista, o meme da *internet* vincula singularidades de diversos campos do saber, instigando novas práticas sociais que envolvem aprendizado, leitura e escrita.

A Leitura de memes da *internet* a partir da teoria do esquema

Considerando que nas redes sociais a postagem de memes é frequente, as concepções até o momento expostas serão ilustradas sob a análise de uma peça postada no grupo do Facebook denominada Estadual Central, a fim de explicitar as

circunstâncias de sua produção e as práticas de letramento a ela atreladas. A *fanpage* Estadual Central⁶, instalada no Facebook, foi criada por estudantes da Escola Estadual Governador Milton Campos no ano de 2015. A página é de alcance local e, em sua categoria de grupo fechado, possui um número considerável de associados, mais de 4.000 membros, reunindo alunos, ex-alunos, professores e funcionários da instituição escolar. Na página inicial, aparece a foto do auditório da escola e *links* que levam os usuários a todo conteúdo da *fanpage*, conforme se pode observar na figura 1.



Figura 1. Captura de tela da página inicial da *fanpage* Estadual Central. Fonte: Estadual Central. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral. Ano 2018>.

Na abertura da página, há o perfil de cada administrador e informações que se referem às regras e termos particulares para a boa convivência no grupo. Há uma enumeração das atividades que não podem ser realizadas na página, como promover vendas, postar imagens pornográficas, fazer *posts* racistas ou homofóbicos, realizar comentários que promovam o discurso de ódio ou que desrespeitem o outro, divulgar evento sem autorização dos administradores. Ainda são proibidas mensagens que se caracterizam por “correntes” ou que forcem discursos políticos.

As postagens são muitas vezes motivadas pelos acontecimentos do cotidiano escolar dos integrantes, ou seja, é comum não acontecerem interações durante vários dias e um episódio motivar inúmeras participações. A dinâmica do grupo pode ser percebida pelos comentários e “curtidas” aos *posts*, que abrangem avisos escolares, anúncios de serviços, esclarecimentos de dúvidas e memes da *internet*.

⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral/> Acesso 22 jun. 2018.

A administração da página está a cargo de alunos e ex-alunos da escola, que se revezam na atividade de tempos em tempos. A entrada de novos integrantes acontece pela “solicitação de amizade” e posterior aceite dos administradores. Sem a interferência dos administradores, as contribuições são postadas pelos membros, que ainda podem “curtir”, compartilhar e comentar o conteúdo. Caso os administradores julguem que um *post* contraria as normas estabelecidas, a publicação é removida.

As trocas sociais da *fanpage* Estadual Central, seguindo o modelo do Facebook, acontecem pelo compartilhamento, pelo comentário e pelo “curtir”. As postagens em torno de questões relativas à realidade da escola se destacam de maneira crítica e interativa (SALES, 2014). Se o compartilhamento se caracteriza pela acomodação e reconhecimento do material produzido, os comentários reforçam seus traços comuns e o “curtir” funciona como uma avaliação de um comentário ou postagem compartilhada (ARAÚJO, 2012).

Tomando como base os princípios de Sousa e Leão (2016), verifica-se que há na *fanpage* quatro formas de interação: a) a de sociabilidade, caracterizada pela organização de festas, anúncios de produtos e serviços, participação em eventos dentro e fora da escola, postagem de vídeos ou memes da *internet*; b) a ordinária, caracterizada pelo posicionamento dos membros sobre determinadas regras escolares, decisões da direção ou grêmio; c) a colaborativa, caracterizada por perguntas sobre atividades escolares, calendários, volta às aulas (principalmente durante a ocorrência de greve de professores); d) a extraordinária, caracterizada pela interação dos membros para sanar dúvidas sobre os componentes escolares.

Isso exposto, este artigo se propõe a realizar a análise de um meme da *internet* compartilhado na *fanpage* Estadual Central, levando em consideração as práticas discursivas do meio, as ferramentas de mediação e os artefatos culturais do convívio dos sujeitos (MCVEE, DUNSMORE E GAVELEK, 2013).

A presente proposta realiza uma leitura multimodal de um meme da *internet* postado nesse grupo privado, explorando os fatores sociais e os sinais relacionados às práticas de letramento situadas em contextos particulares. Conforme Escalante (2016), ao se investigar os hábitos de produção e compartilhamento de memes da *internet*, averigua-se também as formas de letramento que surgem nesses ambientes digitais, a linguagem que usuários utilizam nas redes, a razão que os levam a postar

num *site* específico e o motivo pelo qual empregam ou não determinado gênero em seu cotidiano.

O meme intitulado “dia normal/PAC” é uma montagem de duas fotografias distintas, que compõem os dois planos: na parte superior, o jardim e parte da construção da escola Governador Milton Campos, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, podem ser visualizados e, na parte inferior, no lado direito, um jovem se destaca por sua gargalhada, enquanto ao fundo, percebe-se o rebuliço de outros indivíduos, conforme se observa na figura 2.



Figura 2. Meme da *internet* intitulado “dia normal/PAC”. Fonte: Estadual Central. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/CanalhasDoCentral>. Acesso em 11 dez. 2018.

No primeiro plano, abaixo do título “dia normal/PAC”, com letras destacadas, aparece a palavra “truco”, jogo de cartas predileto dos jovens estudantes; a seguir aparecem “corre Zé”, expressão memética que convida para a fuga; “cadê o Batista?” referência ao monitor escolar mais conhecido entre os alunos e “Kd o Braga?”, menção ao vice-diretor da escola na época. No centro, o convite “vamo pra liba”

(alusão à Praça da Liberdade⁷) sugere uma escalada até o local. No lado direito, “fora Temer” faz o trajeto contrário, indicando o desejo popular de que o presidente em vigor fosse derrubado. Entre escalada e queda, aparecem as expressões “sexo”, “vamo fechar?”⁸ e “tô de horário vago”⁹. Esse é o “dia normal”! Nota-se que ele está bem distante da versão tradicional de escola e de aula.

No segundo plano, apresenta-se o contraponto ao “dia normal”: o dia de provas. Prova por Área do Conhecimento (PAC) é o nome da temida avaliação bimestral, que segue o modelo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Embora seja conhecida pelos resultados negativos, a avaliação faz parte do calendário oficial, sendo parte da tradição da escola Governador Milton Campos. Assim, no dia de sua aplicação, nada mais comum que apelar para a fé: “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja vosso nome.” Ainda no quadro, veem-se interjeições próprias do linguajar dos jovens no seu cotidiano: “levanta a mão fdp”, “aaooo bom bom”. E, mais uma vez, a palavra “truco” aparece, mas agora como se fosse gritada pelo jovem.

A análise do meme “dia normal/PAC” não termina aqui. Ainda cabe mencionar as circunstâncias em que a foto utilizada no segundo plano foi realizada. Desse modo, ao se buscar o contexto que motivou a criação desse meme da *internet* no grupo de Facebook Estadual Central, encontrou-se a conjuntura em torno da mobilização juvenil de 2016. A foto usada para compor o meme, foi postada na página em 28 de outubro de 2016, quatro dias depois de professores e estudantes da escola Governador Milton Campos serem impedidos pelo grêmio estudantil de entrar na escola para suas atividades.

⁷ A Praça da Liberdade, um dos principais pontos turísticos de Belo Horizonte, é um complexo arquitetônico e paisagístico situado na região Centro-Sul da cidade. A praça, local de encontro dos jovens belorizontinos, é conhecida por sintetizar vários estilos estéticos que marcam a história da capital mineira.

⁸ No ano de 2013, grupos de jovens em diversas cidades do país promoviam encontros em parques, estacionamentos e shoppings, conhecidos como “rolês”. Esses encontros não eram bem vistos pelos comerciantes, que ao perceberem a presença dos jovens, fechavam suas lojas, temendo arrastões. No linguajar dos jovens, a expressão “Vamo fechar?” assume a ideia de anuência ou concordância com determinada ação. Disponível em <http://www.museudememes.com.br/sermons/rolezeiras/> Acesso em 17 jan. 2019.

⁹ O horário vago designa o período em que os alunos estão na escola sem nenhuma atividade pedagógica, uma vez que o professor não compareceu para trabalhar por motivos de saúde ou questões particulares.

Eis os fatos: tudo começou quando representantes do Movimento Brasil Livre¹⁰ (MBL), entidade de direita, que defende o liberalismo econômico e o republicanismo, invadiram a escola para protestar contra a ocupação liderada pelo grêmio estudantil Abre Alas. O protesto se transformou num enfrentamento, sendo necessária a intervenção policial. Foi justamente no momento dessa contenda, que o jovem estudante realizou sua *selfie*.

O estudante, ao postar no grupo sua foto, fez o seguinte comentário: “Eu vendo a treta da esquerda x direita”. A postagem teve 621 notificações entre curtir, amei e Haha (emojis que traduzem o estado emotivo do usuário) e 159 comentários. Os comentários sobre a foto começaram com a costumeira gargalhada (kkk), mas gradualmente os ânimos foram se acalorando e a discussão ficou polarizada entre dois membros: o jovem da foto, que era acusado de ser mal informado e outro integrante do grupo, que era julgado por ser de direita e posiciona-se contra o grêmio estudantil.

Aliás, o meme “dia normal/PAC” apresenta construção multimodal, isto é, uma imagem, distribuída digitalmente, de maneira multimidiática, vinculada a uma legenda, cumpre com fins sistematizados pela linguagem (SOUZA JÚNIOR, 2014). Acrescenta a isso que, no segundo quadro da peça, existe a organização e estrutura dos elementos visuais, ou seja, embora distorcido, o rosto do jovem (ator) aparece na frente, à direita e iluminado. Os demais envolvidos no ato aparecem foscos ou borrados nas margens, no fundo do cenário da imagem (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Percorrido esse caminho, o sentido da peça é construído a partir da articulação de conhecimentos prévios vindos de outras fontes e do corpo verbo-visual apresentado. De acordo com seu conteúdo e intenção comunicativa, “dia normal/PAC” é um meme de discussão pública, por incorporar referências intertextuais e humor crítico.

A visão convencional de que o entendimento de um texto consiste em agregar os significados das palavras para formar os significados frases, que formam sentidos dos períodos, que levam à compreensão dos parágrafos, não oferece subsídios para a leitura crítica desse meme da *internet*. Logo, um leitor não inteirado sobre a escola Governador Milton Campos e sobre as expressões que compõem o meme “Dia de

¹⁰ Composta por jovens com menos de trinta anos, a MBL ficou conhecida pelos discursos contundentes de seus líderes Kim Kataquiri e Fernando Holiday. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasil_Livre Acesso em 18 jan. 2019.

aula normal/PAC” não consegue construir satisfatoriamente uma interpretação da peça. No entanto, esse mesmo leitor com uma elaboração inferencial relacionada à teoria do esquema será capaz de conceber uma interpretação para a produção apresentada.

Considerações Finais

Este artigo objetivou mostrar que a construção de um esquema pode fornecer uma interpretação dos eventos mencionados num discurso. Desse modo, pela teoria do esquema a compreensão de um texto ocorre apenas quando o leitor desenvolve um conhecimento organizado de mundo que explique toda a mensagem.

Este estudo reuniu as principais contribuições acadêmicas sobre meme da *internet*, mostrando que o gênero vincula singularidades de diversos campos do conhecimento. Ao longo do texto, foram mencionadas as particularidades do meme da *internet* e salientado seu caráter intertextual. Paralelamente a essas reflexões, concepções a respeito das práticas e eventos de letramento foram abordadas, levando em consideração a teoria do esquema.

O trabalho apresentou o meme da *internet* enquanto gênero textual que considera participantes do discurso, elementos da enunciação, situações e intenções comunicativas, num intrincado que só faz sentido dentro de um contexto sociocultural. Esta investigação também mostrou que o meme da *internet* abarca questões políticas, críticas e afetivas, compreendendo não apenas tendências individuais. Ainda ficou evidente a tendência dos membros do grupo privado Estadual Central em problematizar os acontecimentos do dia a dia escolar, criando um diálogo entre o momento histórico e a finalidade da produção.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Juliana Xavier de. *Memes: a linguagem da diversão na internet*. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics. 2012. 86 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/428/5/JXAraujo.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ANDERSON, R.C., & PICHERT, J.W. Recall of previously unrecallable information following a shift in perspective. In: *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 17, 1978, p. 1-12.

ANDERSON, Richard C. Role of the Reader's Schema in Comprehension, Learning, and Memory. In: *Theoretical models and processes of reading*. Newark, DE: International Reading Association, 2013, p. 476-488.

BARRETO, Krícia Helena. *Os memes e as interações sociais na internet: Uma interface entre práticas rituais e estudos de face*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015. Disponível em: encurtador.com.br/jDK79. Acesso em: 2 nov. 2017.

BELMIRO, Celia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. In: *Educação & Sociedade*, ano XXI, no 72, Agosto/2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n72/4191.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

BLACKMORE, Susan. A evolução das máquinas de memes. In: *International Congresss On Ontopsychology*, 2002, Milão. [Anais...]. Milão: International Ontopsychology Association, 2002. Disponível em: <http://www.susanblackmore.co.uk/Conferences/OntopsychPort.htm>. Acesso em: 2 ago. 2017.

BREWER, W. F., & NAKAMURA, G. V.. The nature and functions of schemas. In: R. S. Wyer & T. K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition*, Vol. I, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1984, p. 119-160.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. In: Trabalho apresentado no GT 17 – *Mídias, Política e Eleições da 40º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)* em Caxambu, Minas Gerais, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/cmXV9. Acesso em: 2 nov. 2017.

COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. *Littera: Revista de Linguística e Literatura*. Pedro Leopoldo: Faculdades Integradas Pedro Leopoldo, v.4, n.4, jul/dez, 2006. p.7-19. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/DonsDoHipertexto.pdf> Acesso em: 25 mai. 2017.

DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta*. Trad. Geraldo Florsheim, Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Universidade da Universidade de São Paulo, 1978.

DENNETT, Daniel C. *Memes: Myths, Misunderstandings and Misgivings*. DRAFT. for Chapel Hill, October 1998. Disponível em: encurtador.com.br/jtQS3. Acesso em: 12 jan. 2018.

ESCALANTE, Pollyana Rodrigues Pessoa. *O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/aluQW. Acesso em: 2 nov. 2017.

EUZÉBIO, Michelle Donizeth; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. Usos Sociais da Escrita: Um Estudo sobre Práticas e Eventos de Letramento na Vivência de Professoras Alfabetizadoras. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 1,

p. 13-34, jan./abr. 2013. p. 13-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v13n1/a02v13n1.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2017.

FONTANELLA, Fernando. O que é um meme na *Internet*? proposta para uma problemática da memesfera. SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 3, 2009, São Paulo, *Anais...* São Paulo, 2009. Disponível em: <encurtador.com.br/jwKV9>. Acesso em: 2 nov. 2017.

JENKINS, Henry *et al.* Executive Summary e Introduction: media virus and the meme. In: JENKINS, Henry. *Spreadability: if it doesn't spread, it's dead*. 2010. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2009/02/if_it_doesnt_spread_its_dead_p.html> Acesso em: 2 nov. 2018.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Aleph, 2009.

LEU, Donald J.; KINZER, Charles K.; COIRO, Julie; CASTEK, Jill; HENRY, Laurie A. Novas literacias: uma teoria de duplo nível da natureza mutável da alfabetização, Instrução e Avaliação. In: *Theoretical models and processes of reading*. Newark, DE: International Reading Association, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros Textuais e ensino*. Organizado por Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra. 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

McVEE, Mary B.; DUNSMORE, KaiLonnie; GAVELEK, James R. Schema Theory Revisited. In: *Theoretical models and processes of reading*. Newark, DE: International Reading Association, 2013, p. 489-524.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na *Internet*. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, julho/dezembro 2006. Disponível em: <encurtador.com.br/dEFY1>. Acesso em: 2 nov. 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. Multimodalidade e Produção de Textos: Questões para o Letramento na Atualidade. In: *Signo* [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 21-34, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 4 nov. 2017.

ROSELL, Jennifer; KRESS, Gunther; PAHL, Kate; STREET, Brian. A Prática Social da Leitura Multimodal: Novos estudos de alfabetização – Multimodal Perspectiva sobre a leitura. In: *Theoretical models and processes of reading*. Newark, DE: International Reading Association, 2013.

SALES, Shirlei Rezende. *Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil*. 2010, 230f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-8M4H42/orkut.com.escol__curr_culos_e_ciborguiza__o_juvenil.pdf?sequence=1> Acesso em: 2 nov. 2017.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. MIT press, 2014.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Tradução Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SOUSA, Cirlene Cristina de; LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Ser Jovem e Ser Aluno: entre a escola e o Facebook. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 279-302, jan./mar. 2016. Disponível em: <encurtador.com.br/hmvHV> Acesso em: 21 dez. 2018.

SOUZA JÚNIOR, Jaime. de. *Memes pluralistas – práticas linguístico-midiáticas em fenômenos bilíngues: um estudo sistêmico-funcional e multimodal sobre propagação via corpora digitais*. 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8781> Acesso em: 4 nov. 2017.

_____. #Selfienaurna, memes, imagens e fenômenos: propagações digitais e uma proposta multimodal e semiótico-social de análise. In: *Texto Livre*, v. 8, 2015. Disponível <encurtador.com.br/qstv1> Acesso em: 4 nov. 2017.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito em: 22/08/2020